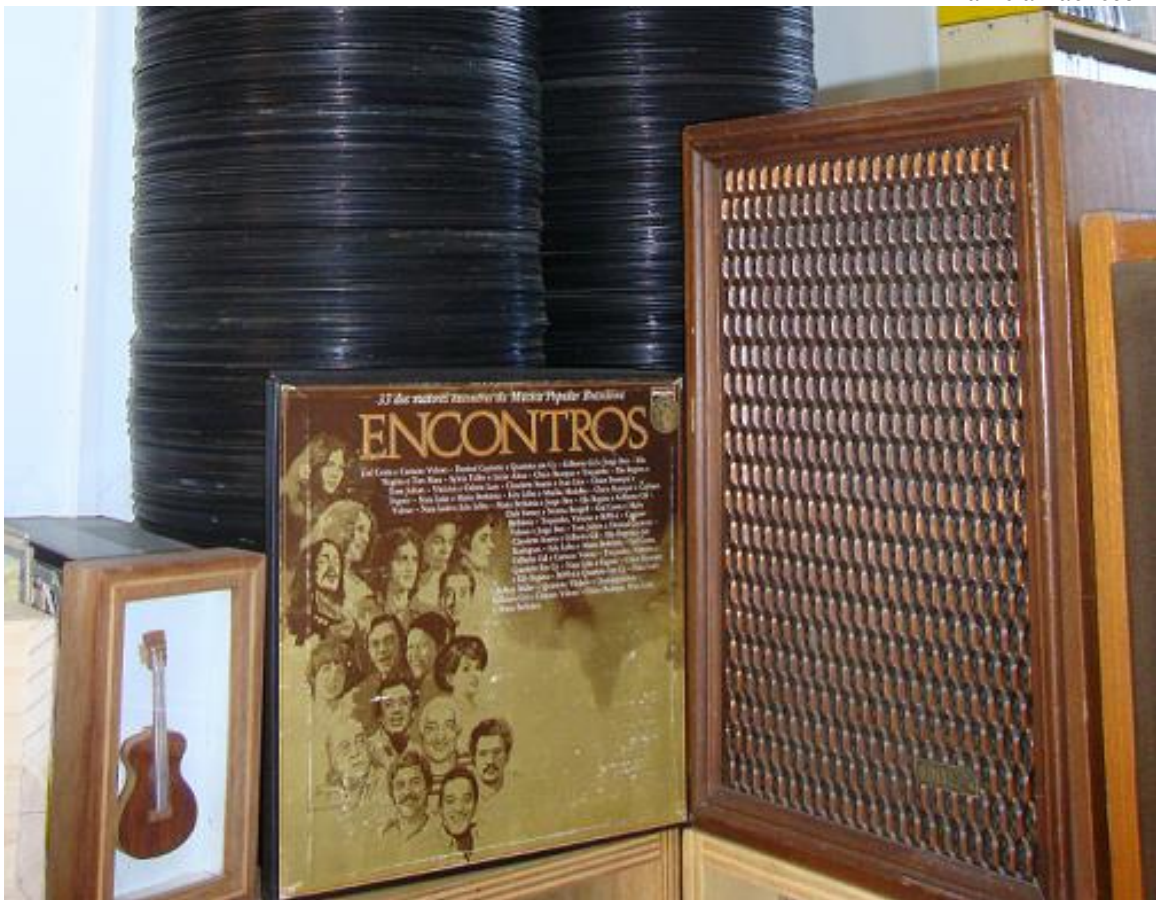


# Presença eterna

Por que o vinil foi e ainda é um dos documentos mais importantes da música e da vida das pessoas.

Daniela Pacheco  
Olívia Rezende

Daniela Pacheco



**Vinil na verdade nunca se foi. Discoteca Pública é um dos locais onde você encontra raridades e outros milhares de discos brasileiros que fizeram parte de nossa história.**

O vinil está de volta? Não. Na verdade, a primeira mídia de áudio da história nunca se foi. “É a volta dos que não foram”, brinca Edu Pampani, Coordenador da Discoteca Pública. Localizado no bairro Floresta, em Belo Horizonte, o local contabiliza hoje mais

de 15 mil discos nacionais, entre eles LPs e compactos, e o acesso é público, disponível para audições e pesquisas durante a semana.

Então, por que se fala tanto em uma re-popularização do documento, uma vez

que os verdadeiros amantes nunca o deixaram de lado? As razões podem ser várias, dependendo do caso. Para Nísio Teixeira, professor de Comunicação Social, a nostalgia e o *marketing* podem ser algumas delas. “O vinil é um produto de fã, é apresentado hoje como um produto diferencial. Se você realmente é fã vai querer um produto que o diferencia dos outros ouvintes dessa banda”, explica. Apesar de não acreditar na volta do alto consumo de algumas décadas atrás, o professor destaca as vantagens do produto em relação ao *mp3*. “O vinil tem essa coisa de estar em um mesmo lugar e tempo ouvindo, não tem outro jeito. Você não é um ouvinte tão desatento como às vezes o é com o *mp3*”, conta.

Samuel Estevam, proprietário da Música Rara, de Belo Horizonte, cita também a influência de parentes e o próprio reconhecimento dos jovens em relação à qualidade sonora do vinil. Desde que a loja foi fundada, em 1989, o perfil do público mudou bastante e o consumo cresceu. “As vendas aumentaram muito e o público também mudou. Há 23 anos não tinham tantos jovens como tem hoje”, explica.

### *Diferenças entre vinil, CD e mp3*

Outro fator responsável por trazer o vinil em voga novamente, não só entre as pessoas, mas na própria mídia, é a diferença sonora qualitativa que tem em relação ao CD e ao *mp3*. Por ser um registro analógico, você percebe que a nuância entre cada frequência é bem trabalhada, ou seja, consegue ouvir com mais detalhes uma nota grave, aguda ou uma voz, por exemplo. Em decorrência disso, a proximidade entre o que foi captado na gravação e o que está sendo reproduzido no aparelho de som é de quase 100%.

**“O advento do CD, *mp3*,  
*mp4* ou seja lá o que for,  
nunca irá desbancar o  
verdadeiro patamar onde o  
vinil se encontra (ou nunca  
deixou de estar)”**

Por outro lado, ao passar pelo processo de digitalização, é como se esses detalhes sonoros que o vinil consegue reproduzir não fossem bem captados, fossem, em outras palavras, “limpados”, levando a um conseqüente prejuízo sonoro no que concerne aos detalhes das canções. “Eu tive o privilégio de ser

presenteado com a edição de 1974 de *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, uma das primeiras tiragens. Quando você ouve ele no vinil e no CD, claramente está perceptível na mixagem que foi feita para o CD a perda de alguns registros de efeitos sonoros, alguns instrumentos que foram suprimidos nessa remasterização”, explica Judson Porto, radialista e tecnólogo em redes de computadores da Rádio UFMG Educativa.

Nísio cita uma diferença histórica também, pois trata-se de momentos de produção específicos. “O vinil está associado a uma dinâmica de indústria cultural, enquanto o CD de certa forma preserva um pouco dessa dinâmica, mas é logo implodido pelo fenômeno do *mp3*”, contextualiza. Hoje, a música ganhou portabilidade, você pode ouvi-la em qualquer lugar; basta ter um aparelho que toca *mp3* para transferir as canções que tem em seu computador ou ouvir estações de rádio e *podcasts* nesses dispositivos. Além disso, os internautas encontram várias páginas *online* nas quais conseguem escutar faixas em *streaming*, tais como *Last.fm*, *Grooveshark* e *YouTube*. Oferta é o que não falta.

É claro que ao mesmo tempo em que a digitalização trouxe a portabilidade e

maior acesso ao que é produzido musicalmente em todo o mundo, percebemos coisas não tão boas que não podem ser ignoradas. “A vida moderna trouxe bons e maus frutos para a sociedade. As pessoas se acostumaram a ter preguiça depois da invenção do controle remoto e assim foi com o vinil. Elas vem com aquela história de ‘ah...tem que virar o vinil para ouvir o outro lado. Com o CD não precisa’, pensando que há vantagem nesse conforto físico e mental’, argumenta Ricardo Guima, assistente de produção da Discoteca Pública. “O advento do CD, *mp3*, *mp4* ou seja lá o que for, nunca irá desbancar o verdadeiro patamar onde o vinil se encontra (ou nunca deixou de estar). Quantas novas gerações já se conscientizaram da importância do vinil depois da industrialização do CD? Desde a segunda metade da década de 1990 que esse fato vem se tornando relevante e socialmente visível”, acrescenta.

**“O governo que tem que ficar atento mesmo, abaixar os impostos, fiscalizar mais as gravadoras e trazer esse produto mais barato pro povo”**

Daniela Pacheco



Samuel Estevam, proprietário da Música Rara, cujo estoque conta com mais de 30 mil LPs.

Um ponto de vista interessante é o do professor de Música da UFMG, Eduardo Ribeiro. Para ele, comparar vinil, mp3 e CD é como comparar refrigerantes. Neste caso, prefere uma água. “Para mim, todo som artificial não passa disso, som artificial. O som real, aqui e agora, é insubstituível”, opina. “Não desprezo a tecnologia e seus benefícios, mas o fetiche da tecnologia é uma bobagem bem cara. O importante que é a mensagem, o conteúdo, acaba sendo ignorado, desconsiderado. Ouve-se música pela beleza da superfície sonora e pouco se cogita que a mensagem é endereçada para cada um de nós”, justifica.

### *Produção do vinil*

Quem achava que a forma de produção do vinil que fazia o preço dele ser alto enganou-se. Na verdade, ela é toda

digitalizada até o momento de prensar o disco, que é analógico, passando o áudio para uma matriz que no final torna-se um vinil. “Esse processo hoje é muito barato, inclusive tem alguns audiófilos no Rio de Janeiro que fazem isso em casa. Então, o custo é muito baixo, não tem diferenciação nenhuma”, explica Porto.

### RIAA

#### Physical

(Units Shipped) (Dollar Value)	CD	253.0 3,389.4	240.8 3,100.7	-4.8% -8.5%
CD Single		1.0	1.3	28.3%
		2.9	3.5	18.4%
LP/EP		4.2	5.5	31.5%
		88.9	119.4	34.2%
Vinyl Single		0.3	0.4	19.7%
		2.3	4.6	99.6%
Music Video		9.1	7.7	-15.0%
		177.6	151.0	-15.0%
DVD Video <sup>6</sup>		8.5	7.2	-15.1%
		169.7	144.5	-14.8%
Total Units		267.7	255.7	-4.5%
Total Value		3,663.9	3,381.1	-7.7%

#### 2011 Year-End Shipment Statistics

O que encarece o preço do produto afinal? A arte gráfica, uma vez que a capa do vinil consome mais papel e um trabalho mais elaborado – cerca de quatro vezes maior que a de um CD -, e os impostos cobrados pelo governo em cima da produção e as próprias gravadoras. “O vinil direto da gravadora, com tributo, já está muito caro, quase R\$ 100 de custo. A expectativa é que está aumentando a

produção, o que diminui um pouco o valor. Espero que aconteça”, informa Samuel. No Brasil somente existe uma fábrica de vinil, chamada Polysom, que foi criada em 1999, fechada em 2007 e voltou a produzir em 2009 após ser adquirida pela Deckdisc. Trata-se da única em toda América Latina. Enquanto isso, na Europa e nos Estados Unidos, principalmente, a quantidade de empresas é muito maior e o consumo também, lembrando que no exterior as “bolachas” nunca pararam de ser produzidas como aqui. De acordo com dados da *Recording Industry Association of America* (RIAA), em 2011 o dinheiro arrecadado com vendas de *singles* de vinil praticamente dobrou e o de *LPs* aumentou 34% em relação a 2010. Somados, algo em torno de \$ 124 milhões.

“O governo que tem que ficar atento mesmo, abaixar os impostos, fiscalizar mais as gravadoras e trazer esse produto mais barato pro povo”, sugere Porto no que diz respeito à produção de vinil no Brasil. “Eu acho que o preço de um CD e de um vinil tinha que ser o mesmo e caberia a você escolher. Dependendo do amor você compra um vinil; se é algo mais superficial você vai na iTunes Store. Olha que legal isso”, completa. Para fazer uma comparação de preços,

visitamos uma página internacional e outra nacional de vendas de *LPs* e buscamos os valores do álbum *Abbey Road*, dos Beatles, vinil mais vendido nos EUA no ano passado. Na brasileira ele custa R\$ 64,95 e na norte-americana \$ 12,99, cerca de R\$ 25. Ou seja, mais que o dobro do preço.

Porém, existem também lojas nas quais você encontra discos por preços bastante acessíveis. Na região central da capital mineira, por exemplo, Adriana Hermont, terapeuta ocupacional, conta que já comprou discos por apenas R\$ 5 e de artistas renomados como Roberto Carlos e Supertramp. “Eu ainda estou começando a ficar por dentro do negócio do vinil. Ainda tento me frear um pouquinho porque eu não tenho noção dos preços. Hoje eu me permito pagar até uns R\$ 50, R\$ 60 num disco. Quando é mais que isso eu paro e vou me informar melhor”. Assim como você pesquisa e compara preços na hora de comprar uma geladeira ou uma televisão, com os *LPs* deve fazer o mesmo.

Outro determinante no valor cobrado é a característica do produto. “O que diferencia o vinil é o selo, conservação, a banda, o cantor, a tiragem do disco”, explica Samuel. Cada caso deve ser

analisado separadamente, pois existem álbuns que nunca foram lançados no formato CD, e outros cuja importância histórica lhe agrega mais valor. “Por isso se torna mais caro do que qualquer CD lançado no mercado”, conclui Ricardo Guima, assistente de produção da Discoteca Pública.

**Daniela Pacheco**



**B**  
Box do vinil *Transa*, de Caetano Veloso, lançado em 1972 .

Verdade. No site Sempre Vinil, o disco *Tecni Color*, dos Mutantes, está á venda por R\$ 1800, mas ao ver detalhes sobre o produto, você percebe vários fatores que contribuem para tal: trata-se da primeira edição do produto, que tem somente 300 cópias no mundo todo, e traz em sua capa as letras das canções escritas por Sean, filho de John Lennon. Enquanto isso, o *LP Love Country Style*, de Ray Charles, custa R\$ 30 por tratar-se de um disco de maior tiragem e sem um detalhe que aumente seu valor, como o anterior.

*O que os artistas e amantes da música pensam*

Será que as gerações antigas e novas pensam igual em relação ao vinil? Depende de cada um, da influência que teve da família ou da preferência mesmo. Marcelo Filizzola, estudante de 19 anos, já ouviu vinil na casa de sua avó, mas não sabe como manusear a mídia. Prefere ouvir o *mp3*. “Não faz sentido eu ter um vinil, não é da minha época. Prefiro comprar um som melhor”, argumenta. Enderson Cunha, por outro lado, colecionava vários discos antigamente e pelo que lembra, gostava de ouvi-los. “O pouco da memória que tenho é que gostava do som. Hoje o som parece mais limpo, menos natural”, conta.

O proprietário da Música Rara conta que o movimento na loja tem mudado e os jovens tem aumentado seu interesse no produto. “Antigamente era o pessoal mais da década de 1950, 1960 que procurava mais. Agora já está chegando a meninada de 1980, 1990, que o pai já teve, então eles tem interesse em ter. Tem uns dez anos que isso tem mudado. Os jovens de 13, 14 anos estão aderindo e já viraram clientes. Alguns chegaram aqui bem novos e hoje já são pais de

família e lembram daqui quando ainda tinha uma porta só”, informa.

O vinil não só faz parte da realidade de muitos jovens, como se tornou opção para o registro de trabalhos de grandes artistas. É o caso de B Negão, Nina Becker, Curumin e Tulipa Ruiz. Em Belo Horizonte, jovens e conhecidos artistas se juntaram para a gravação de uma coletânea em *LP*: Julgamento, Dead Lovers, Pequena Morte, Transmissor, Zimun, Fusile, Graveola e o Lixo Polifônico, Família de Rua e Porcas e Borboletas. Eles reúnem seus principais sucessos em uma única obra que atualmente está em produção e que vai ser o primeiro registro em vinil do Julgamento, banda de rap.

Roger Deff, vocalista, acredita que a coletânea tem valor mais simbólico do que de promoção da carreira. “A indústria fonográfica chegou ao seu apogeu com o vinil, logo, muita gente teve acesso a músicas que marcaram suas gerações através das boas e velhas ‘bolachas’. Para o caso do *hip/hop* então, o vinil tem um significado especial porque a cultura dos *DJs*, que deu origem a tudo isso, começou justamente com o vinil. Por isso ter nosso trabalho registrado em vinil é muito importante pra nós”, argumenta.

#### Daniela Pacheco



**Adriana Hermont começou a ouvir vinil por influência do pai e hoje tem uma coleção de 97 vinis em casa.**

#### *Importância para sociedade*

Aonde estaria a maior importância do vinil: na sua qualidade estética, sonora ou material? Para os amantes e apreciadores da velha bolacha, a principal característica do vinil está no seu potencial como documento. Além de guardar grandes sucessos da música nacional e internacional, conserva e constrói no imaginário das pessoas momentos importantes na construção da história; uma viagem no tempo, atualizada em cada giro dessa mídia. É o vinil unindo gerações. “É um ritual quando você vai escutar um vinil. Ele tem um visual, você vê o bolachão girando ali, em que trecho ele está, em que braço. Você consegue assimilar

melhor aquela obra, é um momento único eu acho; passa um filme na sua cabeça, é muito legal”, narra Judson Porto.

O radialista ainda sugere que as escolas ensinem aos alunos, dentro da matéria de Música - obrigatória em todo o país desde 2008 pela lei Nº 11.769 -, algo relacionado à questão do analógico e do digital. “Tem que ter foco também nessas pessoas, não só apresentar música para formar instrumentistas ou músicos, mas para formar técnicos de áudio também, indivíduos que tem esse ouvido técnico como eu”, explica. Seria algo como uma reeducação auditiva.

Para ter acesso ao mundo da música gravada nos discos, a Discoteca Pública oferece discos brasileiros, entre LPs de 10 e 12 polegadas e compactos de 7 polegadas, lançados a partir da segunda metade do século XX por inúmeros selos e gravadoras. O projeto é também responsável pela realização da Feira do Vinil, que acontece na capital belo-horizontina há cerca de quatro anos. Todo mês você encontra centenas de bolachões à venda na Galeria Inconfidentes, na Savassi.

**“A indústria fonográfica chegou ao seu apogeu com o vinil, logo, muita gente teve acesso a músicas que marcaram suas gerações através das boas e velhas ‘bolachas’”**

Opções de lojas de vinil é o que não falta na cidade. Para Enderson Cunha, que cita como um dos motivos de ter parado de colecionar LPs a dificuldade de encontrar um lugar para comprá-los, fica a dica: de acordo com o Mapa do Vinil da Discoteca Pública, a capital possui 27 lojas especializadas e cinco destinadas à venda e manutenção de equipamentos. Amantes e jovens que queiram ingressar no mundo do vinil estão bem servidos. Apenas lembre-se de pesquisar bem os preços antes de efetuar a compra, pois pelo que vimos nesta reportagem, a presença da bolacha foi, é e ainda será muito importante para a música e para as nossas vidas por um longo período de tempo.

**Para o acervo de vinis entre outras curiosidades acesse o site da Discoteca Pública em [discotecapublica.blogspot.com.br](http://discotecapublica.blogspot.com.br).**

**A Discoteca Pública fica na Rua Itaúna, 192, bairro Floresta, Belo Horizonte. Telefone: (31) 2514-5710. Horário de Funcionamento: De 2ª à 6ª feira, das 10h às 19h. Sábado, de 10h às 15h.**

**A loja Música Rara fica na Rua São Paulo, 1307, bairro Centro, Belo Horizonte. Telefone: (31) 3222-1164. De 2ª a 6ª feira, das 9 às 19h e aos sábados, de 9h às 13h.**